

**PROPÓSITOS RETÓRICOS DA METÁFORA DA DOENÇA:
ESTUDO SOBRE TÍTULOS NOTICIOSOS DA POLÍTICA PORTUGUESA**
RETHORICAL GOALS OF THE ILLNESS METAPHOR: PORTUGUESE POLITICAL NEWS HEADLINES

Sara Topete de Oliveira Pita¹

RESUMO

A presença da metáfora no discurso político, assim como em outras atividades, tornou-se tão frequente, que, muitas vezes, já não é percebida como tal. Muito além do seu efeito estético, a metáfora constitui uma ferramenta ao serviço de propósitos comunicativos, devido à sua capacidade de criar novas realidades. Neste trabalho, pretende-se estudar o uso da metáfora conceptual da doença no âmbito político português e os seus propósitos retóricos. Nesse sentido, desenvolveu-se um estudo exploratório que adota uma metodologia *top-down*, ou seja, que parte da metáfora conceptual da doença para os veículos (por exemplo, “cancro” ou “diagnóstico”) que concretizam a construção de diferentes metáforas linguísticas. A adoção desta metodologia resultou, até à data, num *corpus* composto por mais de 50 notícias sobre a política portuguesa, fornecendo uma base para uma análise mais aprofundada do enquadramento metafórico na comunicação política. Os dados apontam para a prevalência de veículos como “contaminado(s)”, “doente”, “diagnóstico” ou “sintoma” para a construção argumentativa da crítica ao adversário. Porém, existem também alguns casos em que a metáfora serve para credibilizar ou legitimar o enunciador, construindo uma imagem de herói ou salvador (cf. “médico”).

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora conceptual. Metáfora linguística. Discurso político. Propósitos retóricos.

ABSTRACT

The use of metaphor in political discourse and other communicative contexts has become so pervasive that it often goes unnoticed. Beyond its aesthetic function, metaphor serves as a powerful rhetorical tool, shaping perceptions and constructing new realities. This study examines the conceptual metaphor of illness in Portuguese political discourse, analyzing its rhetorical functions and implications. Employing a top-down methodological approach, the research begins with the conceptual metaphor of illness and identifies key metaphorical vehicles (e.g., “cancer” or “diagnosis”) that give rise to various linguistic expressions. The ongoing study has thus far compiled a *corpus* of 50 news articles on Portuguese politics, providing a foundation for further analysis of metaphorical framing in political communication. The data shows the prevalence of vehicles such as “contaminado”, “doente”, “diagnóstico” or “sintoma” for the argumentative construction of criticism. However, there are also some cases in which the metaphor serves to give credibility or legitimacy to the speaker, creating an image of a hero or savior (cf. “médico”).

KEYWORDS: Conceptual metaphor. Linguistic metaphor. Political discourse. Rhetorical functions.

1. Introdução

A metáfora, como Lakoff e Johnson defenderam no seu trabalho *Metaphors we live by* (1980), está presente nas mais variadas atividades profissionais e sociais. O seu uso transcende a intenção

¹ CELGA-ILTEC, Universidade de Coimbra (UC), Portugal - CLLC, Universidade de Aveiro, Portugal, sara.pita@uc.pt, <https://orcid.org/0000-0001-8429-4189>.

estética, constituindo-se como um processo mental de raciocínio. Assim, a metáfora não é um artifício, mas sim uma ferramenta em serviço de um propósito comunicativo.

Metaphors may create realities for us, especially social realities. A metaphor may thus be a guide for future action. Such actions will, of course, fit the metaphor. This will, in turn, reinforce the power of the metaphor to make experience coherent. In this sense metaphors can be self-fulfilling prophecies.² (Lakoff; Johnson, 1980, p. 156)

As metáforas podem, como afirmam os autores, criar realidades e legitimar ações futuras, pelo simples facto de criarem uma cena que induz a uma determinada avaliação (Musolff, 2004). Tendo em conta este potencial das metáforas, comprehende-se por que razão o discurso político recorre, não raras vezes, a elas para atingir o seu propósito comunicativo maior: convencer e persuadir o eleitorado.

O uso de metáforas em discursos políticos tem sido sobejamente explorado em diversos trabalhos internacionais (Lakoff, 2003; Musolff, 2004; Semino, 2008) e nacionais (Teixeira, 2021; Pita, 2023). Contudo, considera-se que a relação entre metáfora conceptual e argumentação ainda carece de aprofundamento, o que motivou o presente estudo.

A argumentação é uma atividade que perpassa todas as esferas da vida humana, uma vez que a ação de apresentar teses e argumentos, defendê-los ou refutá-los é uma constante (Toulmin; Riek; Janik, 1984). Nos campos político e jurídico, o debate entre os dois intervenientes (proponente e defensor) é mais evidente aos olhos do cidadão-comum, mas isso não menoriza a sua importância ou presença noutras áreas. Na política, a diatribe entre os adversários atinge, por vezes, os limites da conflitualidade e do decoro, com a apresentação de argumentos que visam denegrir ou diminuir o outro. A título de exemplo, recupera-se uma intervenção de uma deputada portuguesa, que partindo das expressões metafóricas “transformar o nosso primeiro-ministro num porco” e “conduziram a todos a uma pocilga”³, acusa o partido da oposição de má conduta. Como se pode observar, o uso da metáfora serve o propósito comunicativo de atacar o adversário e de diminuir a sua credibilidade junto do eleitorado, através da aplicação do esquema argumentativo *ad consequentiam* (Walton; Macagno, 2016):

² Tradução: “As metáforas podem criar realidades para nós, especialmente realidades sociais. Uma metáfora pode ser um guia para ações futuras. Essas ações serão, evidentemente, adequadas à metáfora. Este facto, por sua vez, reforça o poder da metáfora para tornar a experiência coerente. Neste sentido, as metáforas podem ser profecias autorrealizáveis.” (Lakoff & Johnson, 1980, p.156)

³ Excerto ampliado da intervenção: “Mas este parlamento, senhoras e senhores deputados, nos últimos dias foi muito mais longe: não tentaram apenas transformar o nosso primeiro-ministro num porco, como nos conduziram a todos a uma pocilga, através de um populismo vazio que a todos condena porque nenhum inventa ou resolve”. https://www.jn.pt/3164633746/psd-acusa-oposicao-de-transformar-pais-numa-pocilga-ps-critica-aguiar-branco/?utm_source=jn.pt&utm_medium=recomendadas&utm_campaign=rec_edit_externo_marcas

Quadro 1: Esquema argumentativo *ad consequentiam*

Esquema argumentativo	Aplicação do esquema
Se P, então Q vai acontecer.	Se o Partido Socialista conduziu, agora, o país a uma pocilga, então isso vai acontecer mais vezes.
Q é indesejável.	Conduzir o país a uma pocilga é indesejável.
Então, P é falso.	Então, o Partido Socialista é desadequado.

Fonte: Elaboração da autora

Partindo desta premissa, no presente artigo pretende-se explorar de que forma a metáfora está ao serviço da argumentação no campo político, particularmente como forma de atacar, diminuir ou culpabilizar o oponente.

À medida que a desconfiança nos partidos políticos aumenta e que a percepção da corrupção se instala, os cidadãos tendem a avaliar a política de forma negativa. Em 2024, Portugal desceu nove posições no *ranking* global do Índice de Percepção da Corrupção⁴, uma vez que os portugueses consideram que existe abuso de cargos públicos para benefício pessoal. Estes dados dão origem à conceção da política como algo poluído, infetado ou doente, e esse foi o ponto de partida para a definição da metáfora conceptual da POLÍTICA É DOENÇA como método de identificação de expressões linguísticas em textos jornalísticos portugueses.

2. Metáfora conceptual

A teoria da metáfora conceptual de Lakoff e Johnson apresenta a metáfora como um processo mental, essencial para a linguagem e para a vida em sociedade. A compreensão das metáforas decorre da experiência humana, sendo, portanto, um processo de representação de um domínio em termos de outro (Lakoff, 2003, p. 4). Mussolff (2004) defende que esta transposição entre domínio só é possível se existir uma coerência mínima que assegura a sua compreensão e isso, naturalmente, está assente no conhecimento cultural dos falantes.

Por exemplo, a metáfora conceptual AMOR É UMA VIAGEM associa o sentimento a uma viagem, projetando as características do domínio-origem (viagem) no domínio-alvo (amor) (Gentner; Bowdle, 2008).

Como refere Kövecses (2002), aos domínios que integram a metáfora é-lhes atribuído um nome especial: domínio-origem (“source domain”, SD) e domínio-alvo (“target domain”, TG).

The two domains that participate in conceptual metaphor have special names. The conceptual domain from which we draw metaphorical expressions to understand another conceptual domain is called source domain, while the conceptual domain that is understood this way is the target domain. Thus, life, arguments, love, theory, ideas, social organizations, and others are target domains, while journeys, war, buildings, food, plants, and others are source domains. The target domain is the domain that we try to understand through the use of the source domain. (Kövecses, 2002, p. 4).

⁴ <https://transparencia.pt/indice-de-percecao-da-corrupcao-2024/>

A aproximação entre os domínios resulta do conhecimento partilhado do mundo e funciona apenas unidireccionalmente, ou seja, o mapeamento é assimétrico, uma vez que não permite reversibilidade entre domínios ($SD \rightarrow TG$, mas não $TG \rightarrow SD$), como postulam Croft e Cruse (2004, p. 196).

Para Silva (2006, p. 126), a metáfora é uma “projeção de um domínio conceptual noutro distinto na base de um conjunto sistemático de correspondências por similaridade conceptual”; já para Sardinha (2008, p. 172), é “(entendida) como uma representação cognitiva e como uma expressão linguística. É cognitiva porque envolve a internalização de conceitos do mundo que nos cerca, geralmente implícitos na nossa cultura”. Tomando como referência esta última definição, faremos a distinção, neste artigo, entre metáfora conceptual e metáfora linguística (forma de realização linguística), integrando nesta os veículos que permitem a sua emergência.

Na interação quotidiana, e muito devido à proliferação da metáfora na sociedade (Lakoff; Johnson, 1980), o seu emprego pode ocorrer de forma deliberada ou inconsciente, uma vez que está completamente convencionada (Croft; Cruse, 2004); em ambos os casos, há um convite a reconstruir o mapeamento, o que depende, naturalmente, da competência interpretativa de cada indivíduo (Steen, 2011). Algumas metáforas, pela sua recursividade, já atingiram um certo grau de cristalização ou de convenção (Kövecses, 2002; Dunn, 2010) que facilita a sua interpretação e o seu reconhecimento enquanto tal. Falamos, por exemplo, do caso da metáfora linguística “não quero gastar mais tempo nesta tarefa” que concretiza a metáfora conceptual TEMPO É DINHEIRO; o veículo “gastar”, convencionalmente, estabelece a relação entre os dois domínios. Como referem Gentner e Bowdle (2001), algumas metáforas vão integrando o acervo mental e textual dos indivíduos, o que permite a sua rápida leitura. A esta capacidade de um falante compreender o significado das metáforas chama-se competência metafórica (Batóreo, 2018).

3. Metodologia

A metáfora tornou-se tão comum no nosso quotidiano que muitas expressões, não raras vezes, já não são vistas como metafóricas. Nesse grupo de expressões incluem-se algumas associadas à doença, como “a corrupção é um cancro em Portugal” ou “Montenegro faz o diagnóstico à saúde”. Não obstante a sua frequência, importa refletir sobre o objetivo argumentativo que subjaz ao uso da metáfora da doença. Donde:

- O uso das metáforas serve para criticar ou acusar o adversário, assumindo uma atitude delatora?
- Ou o seu uso serve para gerar empatia, assumindo uma atitude de credibilização ou de vitimização?
- Que diferenças se observam no uso de metáforas entre elementos em posições executivas e na oposição?

Para responder a estas perguntas, iniciou-se um estudo exploratório que segue uma metodologia *top-down*, ou seja, partindo da metáfora conceptual POLÍTICA É DOENÇA para encontrar as

Propósitos retóricos da metáfora da doença: estudo sobre títulos noticiosos da política portuguesa

metáforas linguísticas presentes em títulos de notícias relacionadas com a atividade social política, no contexto português, nos últimos 5 anos. Importa referir que, devido ao facto de se tratar de uma primeira exploração, se optou por escolher como género textual a notícia, por razões de facilidade de acesso. No entanto, objetiva-se, no futuro, analisar intervenções políticas na Assembleia da República de Portugal para identificar o uso de metáforas linguísticas similares.

O procedimento adotado para julgar os elementos constitutivos do nosso *corpus* foi o reconhecimento de metáforas a partir de veículos (Steen *et al.*, 2010). Assim, foram definidos, *a priori*, os veículos listados na tabela 1.

Tabela 1: Veículos usados nas metáforas linguísticas

Veículos	
1.	diagnóstico(s), diagnose
1.	doença(s), doente(s)
3.	prescrever, prescrição(ões)
4.	médico/a(s), medicamento(s), medicação(ões)
5.	remédio(s)
6.	contaminar, contaminação(ões), contaminado/a(s)
7.	infetar, infecção(ões), infetado/a(s)
8.	cura
9.	reanimar, reanimação(ões), reanimado/a(s)
10.	morrer, morte, morto/a(s)
11.	sintoma(s)
12.	dor(es) de cabeça
13.	fazer mal/bem à saúde
14.	amputar, amputação(ões), amputado/a(s)
15.	prevenir, prevenção
16.	placebo
17.	injeção

Fonte: Elaboração da autora

Definiram-se, para além dos veículos, os seguintes critérios de análise:

- Tipo de documento: notícia
- Atividade social: política
- Idioma principal: português
- Região da pesquisa: Portugal
- Contexto: português

Para garantir o cumprimento destes critérios, procedeu-se à leitura integral da notícia para identificação do tema e dos envolvidos. O *corpus* é composto, à data, por 50 notícias, de diferentes meios noticiosos (Expresso, Jornal de Negócios, Correio da Manhã, Público, entre outros). A

diversidade de meios noticiosos é um fator positivo, uma vez que restringe a existência de algum tipo de privilégio no tratamento dos envolvidos ou de algum viés ideológico.

Os títulos noticiosos foram devidamente catalogados, com atribuição de código numérico e com identificação da data, do distribuidor e do link de acesso.

Depois de recolhidos os dados e identificadas as metáforas linguísticas, procedeu-se à análise qualitativa e consequente reflexão.

4. Metáforas e propósitos retóricos

A política, em Portugal, parece atravessar uma crise de valores, com vários casos de abusos de poder a serem denunciados pelos meios de comunicação social. Sendo o espaço público um local de legitimação, de confrontação e de persuasão, muitos políticos o utilizam para partilhar as suas ideologias e posições, mas também para diminuir as dos adversários. E em momentos de desconfiança e descrença nas instituições políticas, como atualmente se vive, os ataques aos oponentes são mais recorrentes, embora muitas vezes sejam encapotados. Neste âmbito, entram ao serviço as metáforas como forma de acusar o outro ou de construir uma imagem positiva de si.

Os casos que se apresentam nesta secção pretendem ilustrar estes dois objetivos retóricos. De ressalvar que se optou pela apresentação de títulos mais recentes, para que o leitor mais facilmente compreenda a situação que deu origem ao uso.

Dos 17 veículos listados na secção anterior, não se conseguiu identificar qualquer exemplar de “placebo” ou “prevenção/prevenir”. Ademais, verificou-se que alguns veículos são mais frequentes, nomeadamente “doença”, “diagnóstico”, “sintoma” e “contaminado”.

Tabela 2: Frequência no *corpus*

Veículos	Frequência
diagnóstico(s), diagnose	8
doença(s), doente(s)	10
prescrever, prescrição(ões)	1
médico/a(s), medicamento(s), medicação(ões)	3
remédio(s)	4
contaminar, contaminação(ões), contaminado/a(s)	9
infetar, infecção(ões), infetado/a(s)	1
cura	3
reanimar, reanimação(ões), reanimado/a(s)	1
morrer, morte, morto/a(s)	4
sintoma(s)	6
dor(es) de cabeça	3
fazer mal/bem à saúde	1
amputar, amputação(ões), amputado/a(s)	1
prevenir, prevenção	0
placebo	0
injeção	1

Fonte: Elaboração da autora

Propósitos retóricos da metáfora da doença: estudo sobre títulos noticiosos da política portuguesa

O facto de alguns dos termos listados serem mais frequentes do que outros está, naturalmente, associado à utilização quotidiana que gerou uma perda do seu valor metafórico. De acordo com Müller (2008), Dunn (2010) e Steen (2004, 2011), a possibilidade de uma metáfora ser entendida como tal é denominada de metaforicidade e pode ser medida pelos seguintes critérios: a) quanto maior for o esforço exigido ao ouvinte para estabelecer a relação entre os dois domínios, maior o seu grau de metaforicidade; b) quanto maior a frequência de uma expressão metafórica, menor o seu grau de metaforicidade. Assim, pode-se concluir que a frequência de uso e a proximidade entre domínios (que implicam menor esforço no processamento mental) são contrários à figuratividade. Fazendo um exercício semelhante ao de Dunn (2010), o grau de metaforicidade de (a) é maior do que de (b), dado que vários elementos reenviam para o domínio médico.

- (a) Santa Casa: ministra do Trabalho considera que provedora Ana Jorge “encontrou um cancro financeiro e tratou-o com Paracetamol” <https://expresso.pt/politica/2024-05-16-santa-casa-ministra-do-trabalho-considera-que-provedora-ana-jorge-encontrou-um-cancro-financeiro-e-tratou-o-com-paracetamol-7bf9e58c>.
- (b) Santa Casa: ministra do Trabalho considera que provedora Ana Jorge encontrou um problema financeiro de grandes dimensões e tomou medidas insuficientes (título sem aplicação de metáforas).

Sendo o *corpus* composto por títulos noticiosos, observou-se que muitos deles apresentam uma maior densidade metafórica, possivelmente para efeitos persuasivos, e inclusivamente uma combinação de várias figuras retóricas, nomeadamente com a hipérbole e com outras metáforas. Por exemplo, em (c), existe um cruzamento entre a metáfora da doença e a da árvore, para aludir à existência de políticos cujos valores e posicionamentos são contrários aos de Portugal; a sua interpretação implica um maior processamento, pelo que tem um elevado grau de metaforicidade.

- (c) “Cortar ramos mortos que atingem a árvore toda”. Marcelo diz que “não podemos desistir de criar mais riqueza” <https://rr.pt/noticia/politica/2023/06/10/cortar-ramos-mortos-que-atingem-a-arvore-toda-marcelo-diz-que-nao-podemos-desistir-de-criar-mais-riqueza/334807/>.

Uma vez mencionada a frequência dos veículos, avança-se para a apresentação de alguns excertos do *corpus*. O primeiro refere-se a uma intervenção de Rui Rocha (RR), representante do partido político Iniciativa Liberal, a propósito da preparação das eleições presidenciais agendadas para 2026.

- (1) “Nós queremos trazer novidade. Queremos trazer pessoas com visão política, que tenha experiência política, mas que tenham essa frescura e que não estejam **contaminados**”, sublinha Rui Rocha. <https://expresso.pt/politica/eleicoes/presidenciais/2025-01-16-video-rui-rocha-garante-que-candidato-da-il-as-presidenciais-esta-preparado-para-o-desafio-91b81b16>.

Neste trecho, há uma oposição entre “frescura”, aqui entendida no sentido de vigor político, e “contaminados”, que só é entendida pela leitura da informação precedente e de um conhecimento extralinguístico. Repare-se que Rui Rocha apresenta, através da oração adversativa, a ideia de que pessoas com “experiência política” podem estar “contaminadas”, ou seja, podem ter sido corrompidas pelo sistema. O leitor pode inferir que a contaminação foi provocada pelo “vírus da corrupção”, o que aliás se alinha com as notícias que circulavam na data em que RR fez este comentário. Ao defender em praça pública esta posição, RR mostra-se consciente da existência da corrupção e contrário à sua instalação no partido que lidera. Em termos argumentativos, o seu objetivo é fazer uma crítica a alguns políticos, reconhecer um problema e, simultaneamente, elevar-se moralmente. Por meio desta metáfora, constrói para si uma imagem de político reto e honesto, potencialmente conquistando votos aos eleitores que descreem da classe política.

O mesmo veículo surge num título do jornal Expresso (2), aludindo ao possível impacto dos escândalos de corrupção na Madeira e do Chumbo do Orçamento na região dos Açores proposto pelo PSD/CDS/PPM na percepção dos eleitores sobre Montenegro.

- (2) Montenegro “**contaminado**” por Açores e Madeira <https://expresso.pt/politica/2024-02-01-Montenegro-contaminado-por-Acores-e-Madeira-a2e57ae1>.

Na altura da publicação desta notícia, Luís Montenegro apresentava-se como candidato a Primeiro-Ministro nas eleições que decorreriam daí a uns meses. Porém, os recentes casos de corrupção abalavam a confiança dos portugueses nos políticos, em particular nos do PSD, partido que Montenegro lidera, e, por extensão, no próprio. A partir da metáfora da doença, particularmente a etapa da infecção/contaminação, pretendia-se indicar que as atitudes de uns podiam repercutir-se em outros e que o resultado podia ser negativo. Porém, entende-se que o título, se lido em exclusivo, pode ser visto como a afirmação de que Montenegro, por osmose, também é corrupto. A partir daqui os eleitores podem fazer a seguinte dedução (que decorre da construção de um argumento *ad consequiam*): se os governos da Madeira e dos Açores não servem para governar, Montenegro também não. Ora este facto pode ter tido impacto na forma como os cidadãos avaliaram este político, uma vez que a metáfora serviu como mecanismo de acusação.

Retomando as Legislativas de 2026, partilha-se um outro título, no qual se entrelaçam duas metáforas: a da doença, através de “ser remédio”, e a da viagem marítima, através dos termos “enjoa” e “almirante”.

- (3) Passos Coelho. Indisposto a ser remédio para quem enjoa se o almirante for para Belém <https://www.dn.pt/passos-coelho-indisposto-a-ser-remedio-para-quem-enjoa-se-o-almirante-for-para-belem>.

No título, a eleição do Almirante Gouveia e Meio para Presidente da República (PR) – o nome “Belém” é uma metonímia que associa local, residência oficial do PR, a uma função – é projetada

Propósitos retóricos da metáfora da doença: estudo sobre títulos noticiosos da política portuguesa

como uma viagem marítima (o facto de o Almirante pertencer à Marinha justifica este uso), que pode provocar indisposição e enjoos a algumas pessoas. Estes dois sintomas justificariam o recurso a um “remédio” para os aplacar, o qual é aqui representado por Pedro Passos Coelho (PPC). Uma nota para o termo “indisposto” usado não apenas para fazer referência a um mal-estar, mas no sentido de não disponível.

Numa altura em que se debatia um possível regresso à política de PPC, antigo Primeiro-Ministro de Portugal e membro do Partido Social-Democrata, especificamente com a apresentação de uma candidatura à Presidência da República, o jornal Diário de Notícias decidiu usar estas metáforas para declarar a indisponibilidade do político e, simultaneamente, para mostrar o desagrado de alguns cidadãos em relação a uma eventual vitória do Almirante Gouveia e Melo. Este título tem o potencial de criar duas imagens distintas de PPC: por um lado, de um homem que rejeita um combate político; por outro, de um homem que rejeita ressurgir nestas condições. Nesse sentido, o título tem também intencionalidades argumentativas.

As duas pessoas referidas no excerto (3), Gouveia e Melo e Passos Coelhos, são protocandidatos à Presidência da República, mas Luís Marques Mendes, referido no título seguinte, é um candidato oficial.

- (4) Lema tríptico, elogios aos seus e avisos ao almirante. Mendes **médico experiente** para um país **doente**. <https://observador.pt/2025/02/02/lema-triptico-elogios-aos-seus-e-avisos-ao-almirante-mendes-medico-experiente-para-um-pais-doente-iniciou-campanha-em-horario-nobre/>.

Em (4), Marques Mendes é apresentado como um “médico experiente” que vem ajudar Portugal a ultrapassar uma “doença”. A metáfora ajuda a criar a imagem de um herói que vai resgatar da obscuridade (financeira e ética) o país. A descrição que o próprio faz da situação nacional e internacional e a partilha da sua experiência política, durante a apresentação da sua candidatura, fazem emergir a imagem de um herói, por oposição a outros candidatos que não são tão capazes quanto ele, como aliás o próprio faz questão de indicar. Assim, a metáfora é usada para enaltecer, para se posicionar enquanto um político ético e impulsor de Portugal.

Para além das eleições Presidenciais, Portugal teve eleições legislativas em maio de 2025, na sequência da dissolução do governo após chumbo de uma moção de confiança. Perante este facto, os partidos políticos começaram a preparar as suas campanhas. Durante uma convenção da Aliança Democrática (AD), que junta o PSD (Partido Social-Democrata) e o CDS (Partido Popular), um dos seus mais conhecidos militantes deste partido, Paulo Portas, recorre à seguinte metáfora:

- (5) Convenção da AD. Portas **prescreve** “**cura** de oposição para o PS” https://www.rtp.pt/noticias/politica/convencao-da-ad-portas-prescreve-cura-de-oposicao-para-o-ps_n1544885

Paulo Portas constrói, para si mesmo, a imagem de um médico (uma vez que apenas este tem autoridade para “prescrever”), sugerindo que o Partido Socialista (PS) está doente e que precisa de iniciar um processo terapêutico. Por meio desta metáfora linguística, Paulo Portas confere autoridade à sua intervenção e à crítica que ela sustenta. Assim, a metáfora adquire uma nova função retórica, a de credibilizar e legitimar o papel de alguém.

Também em (5), a metáfora, combinada com a hipérbole (termo “falhanço”), surge como acusação e atribuição de responsabilidades da abstenção em eleições europeias, um fenômeno ainda com grandes implicações em Portugal. A abstenção é apontada como o prenúncio de uma doença, neste caso, a crise dos valores democráticos.

- (6) Abstenção é “**sintoma** do falhanço das nossas elites políticas”, diz Rui Tavares <https://rr.pt/noticia/europeias-2019/2019/05/16/abstencao-e-sintoma-do-falhanco-das-nossas-elites-politicas-diz-rui-tavares/151536/>.

Rui Tavares, líder do partido Livre, considera que as elites, ao qual o enunciador insinua não pertencer, não têm sido capazes de cativar o eleitorado e, consequentemente, de reverter a situação vividas nas últimas eleições europeias. Posto isto, em termos argumentativos, a intervenção do político constitui uma crítica aberta a um grupo de políticos.

Ainda no âmbito da sintomatologia, é possível encontrar a metáfora linguística “dor de cabeça” para indicar um problema, normalmente, de pequena gravidade.

- (7) Desenganem-se, porém, os que pensam que o Chega é apenas uma **dor de cabeça** para a AD. <https://cnnportugal.iol.pt/decisao-24/chega/mafalda-anjos-andre-ventura-o-principe-das-trevas/20240311/65ef2789d34e8d13c9b8b652>.

Todavia, neste excerto, não há a comum desvalorização do sintoma; pelo contrário, há um esforço para mostrar a dimensão de um problema, como prova o uso de “desenganem-se” e “apenas”. Assim, esta metáfora tem como objetivo retórico principal alertar os cidadãos para a gravidade da ascensão da extrema-direita, dizendo-lhes claramente para não subestimarem a importância do Chega e o impacto de partidos radicais nos países. Em certa medida, a metáfora serve também para criticar o partido e, por inerência, a extrema-direita.

Avança-se agora para a apresentação de um veículo que se refere a um tipo de doença, “cancro”, identificado em diversos títulos. Ao usar este termo, há uma transferência da gravidade e da morbilidade da doença para o domínio-alvo (política). Vejam-se dois exemplos:

- (8) Santa Casa: ministra do Trabalho considera que provedora Ana Jorge “**encontrou um cancro financeiro e tratou-o com Paracetamol**” <https://expresso.pt/politica/2024-05-16-santa-casa-ministra-do-trabalho-considera-que-provedora-ana-jorge-encontrou-um-cancro-financeiro-e-tratou-o-com-paracetamol-7bf9e58c>.

Propósitos retóricos da metáfora da doença: estudo sobre títulos noticiosos da política portuguesa

- (9) “A corrupção é um **cancro** em Portugal” e o **quadro** “está a degradar-se”, diz Paulo Morais [https://expresso.pt/politica/2023-11-14-A-corrupcao-e-um-cancro-em-Portugal-e-o-quadro-esta-a-degradar-se-diz-Paulo-Mora...783651d4](https://expresso.pt/politica/2023-11-14-A-corrupcao-e-um-cancro-em-Portugal-e-o-quadro-esta-a-degradar-se-diz-Paulo-Mora...)

No exemplo (8), a metáfora linguística serve para criticar, veementemente, a ação da provedora, uma vez que aponta para o tratamento desadequado. Repare-se na referência ao Paracetamol, medicamento habitualmente recomendado para o tratamento de casos leves de doença, e aqui aparentemente escolhido para reverter ou aplacar uma doença severa. O paradoxo entre a doença e o tratamento tem como propósito argumentativo acentuar a má conduta da provedora; portanto, a metáfora serve de ferramenta delatória.

No exemplo (9), a utilização da metáfora aponta, não só, para a instalação da corrupção em diferentes quadrantes, mas também para a gravidade da situação. Paulo Morais, presidente da Associação Frente Cívica, um grupo apolítico que defende causas públicas, aproxima a corrupção a um “cancro” (doença potencialmente fatal e com capacidade para se expandir para outros órgãos). Tal significa que a corrupção é vista como um fenômeno nocivo, que pode ter ramificações e que é difícil cercear. Além disso, o título faz uso do termo médico “o quadro”, que designa o conjunto de sintomas e sinais que caracterizam uma dada doença ou um estado clínico, para fazer referência à situação em Portugal. Se esta se “está a degradar”, significa que a corrupção tem vários focos (graves) de incidência e que uma resolução positiva parece ser pouco viável. Paulo Morais critica assim a classe política, particularmente a sua ética (o próprio menciona uma série de casos de corrupção, tráfico de influências, peculato e prevaricação), mas também as medidas tomadas pelos governantes que não têm um impacto real na resolução do problema.

Depois da referência ao tipo de doença prossegue-se para a apresentação de veículos relacionados com o tratamento. O título seguinte usa a expressão “tomar a medicação” para criticar os apoiantes do PS, insinuando que sofrem de uma doença.

- (10) Ventura: “Quem ainda estiver a pensar votar no PS tem de tomar a **medicação**”.
<https://www.dn.pt/politica/ventura-quem-ainda-estiver-a-pensar-votar-no-ps-tem-de-tomar-a-medicacao>

O ataque que André Ventura, líder do Chega, desfere aos cidadãos é feroz e ofensivo, uma vez que aponta para a existência de uma doença mental que condiciona o raciocínio (esta projeção implica conhecimento extralingüístico e cultural). A metáfora serve, então, um propósito retórico de crítica, mas também exerce pressão sobre os eleitores, sobretudo os menos convictos da sua decisão, que se podem sentir intimidados por este ataque.

Além dos veículos referidos até ao momento, há também outros que denotam consequências das doenças. O excerto (11) usa o termo “amputado” para fazer referência à eliminação de um capítulo de um relatório.

- (11) BE pressiona primeiro-ministro a dar explicações sobre “capítulo amputado” do RASI.
[https://www.publico.pt/2025/04/03/politica/noticia/be-pressiona-primeiroministro-dar-explicacoes-capitulo-amputado-rasi-2128416.](https://www.publico.pt/2025/04/03/politica/noticia/be-pressiona-primeiroministro-dar-explicacoes-capitulo-amputado-rasi-2128416)

Em primeiro lugar, uma breve contextualização da notícia. Após a divulgação do Relatório Anual de Segurança Interna (RASI), foi detetada a exclusão do capítulo que falava sobre organizações extremistas e que constava da versão provisória, o que levantou uma série de suspeitas nos partidos da oposição. Perante este acontecimento, a líder do Bloco de Esquerda, Mariana Mortágua, decidiu pedir explicações ao Primeiro-Ministro, Luís Montenegro, uma vez que, na altura, se discutia sobre a segurança nacional e a criminalidade em Portugal.

Considerando este cenário, o termo “amputado”, que remete para uma excisão forçada, controlada, operada de forma criteriosa, foi selecionado intencionalmente para, por um lado, reforçar que se tratou de uma ação deliberada levada a cabo pelo governo, e, por outro, deixar implícita a existência de uma tentativa de logro ou de ocultação de factos. Desta forma, a metáfora visa a delação.

Também servindo um propósito de denúncia e de crítica, temos o excerto (12), no qual se aponta o dedo ao Presidente da República, mas também ao governo. A crítica é dirigida por Pedro Nuno Santos (PNS), líder do Partido Socialista, e adversário direto do governo, à interpretação dos governantes acima mencionados sobre o aumento dos migrantes em Portugal.

- (12) PNS diz que Marcelo “partilha do mesmo diagnóstico errado” do Governo sobre migrações
[https://www.dn.pt/politica/pns-diz-que-marcelo-partilha-do-mesmo-diagnostico-errado-do-governo-sobre-migracoes.](https://www.dn.pt/politica/pns-diz-que-marcelo-partilha-do-mesmo-diagnostico-errado-do-governo-sobre-migracoes)

Nesta crítica, a qualificação do “diagnóstico” como “errado” serve para contestar a credibilidade e a competência das duas entidades (“os médicos”). Tal caracterização faz emergir um argumento *ad consequentiam* (se fazem diagnósticos errados, são incompetentes; ser incompetente é indesejável; então, eles não servem para liderar o país), o qual que visa o enaltecimento de PNS, criando a imagem de um político competente (que faz “diagnósticos certos”).

Já no exemplo (13), a expressão “doença fatal” tem como propósito caracterizar a extrema-direita. Apesar do uso do modalizador “pode”, o facto é que Santos Silva, o anterior Presidente da Assembleia da República, usa a metáfora não só como veículo de acusação, destacando o potencial pernicioso da extrema-direita, mas também como um alerta aos cidadãos, implicitando a necessidade de uma tomada de ação. De facto, num cenário de “doença fatal” a procura da cura é um passo fundamental, logo pode-se deduzir que Santos Silva alerta para a necessidade de combater ou tratar a extrema-direita.

- (13) Santos Silva alerta que extrema-direita “é uma doença que pode ser fatal para a democracia”
[https://observador.pt/2023/01/23/santos-silva-alerta-que-extrema-direita-e-uma-doenca-que-pode-ser-fatal-para-a-democracia/.](https://observador.pt/2023/01/23/santos-silva-alerta-que-extrema-direita-e-uma-doenca-que-pode-ser-fatal-para-a-democracia/)

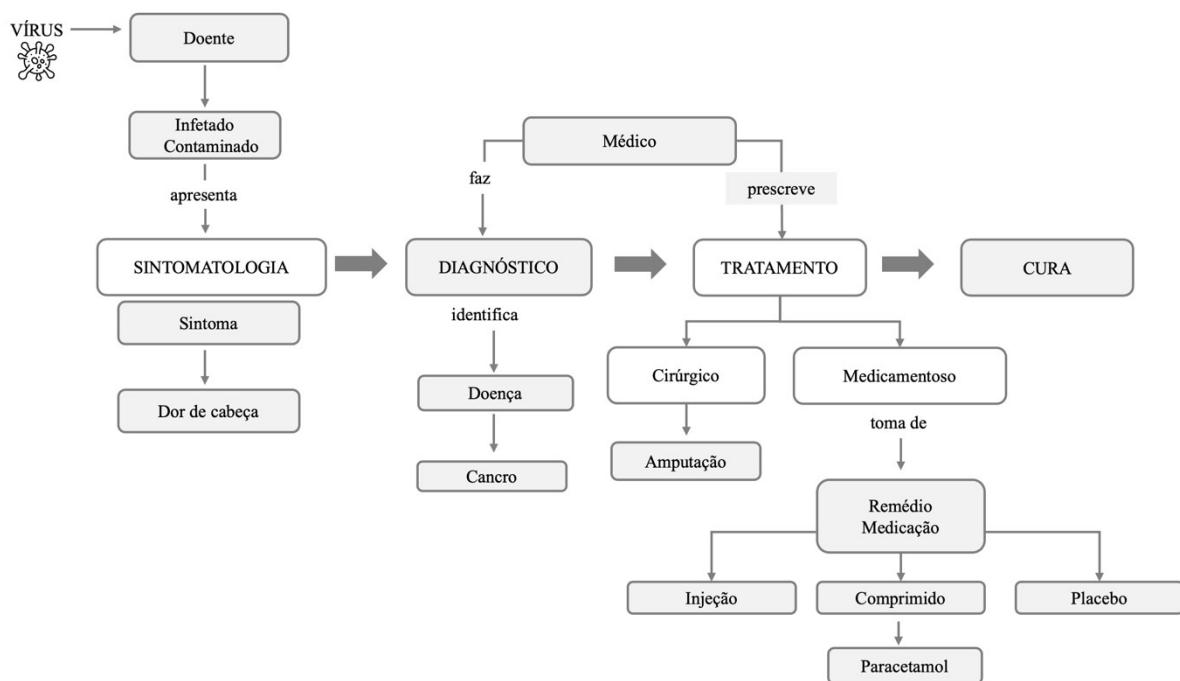
Os exemplos selecionados para a discussão mostram que as metáforas servem objetivos argumentativos, habitualmente relacionados com a crítica ou a delação. Em alguns casos, mais raros, também são utilizados para a construção de uma imagem positiva do enunciador. A menor frequência destes casos pode explicar-se por uma tradição política de ataque ao adversário, que marca profundamente a política portuguesa.

5. Reflexões finais

A metáfora que associa a política a doenças é algo a que os políticos recorrem com frequência, como fica patente neste estudo. Normalmente, a sua utilização é absolutamente intencional, visando, sobretudo, a construção de um ataque ao adversário político. Os exemplos demonstram que as atitudes ou as escolhas dos adversários são associadas a sintomas ou a tipologias de doenças. Porém, existem também casos de metáforas que objetivam enaltecer um político, recuperando o papel de médico, cujo valor em termos sociais é elevado.

O estudo demonstra que as expressões linguísticas que materializam a metáfora da doença correspondem a diferentes estádios (foco de doença, sintomatologia, diagnóstico e tratamento) e a diferentes intervenientes (paciente e médico). O esquema 1 procura ilustrar a distribuição dos veículos (assinalados a cinza) pelas diversas fases.

Esquema 1: Mapa conceptual da metáfora da doença



Fonte: Elaboração da autora

Ao analisar as diversas ocorrências verifica-se que o propósito retórico pode divergir do que é, normalmente, associado aos veículos; recupere-se, por exemplo, “doente”, que não serve para

vitimização, mas sim para acusação, uma vez que alude à corrupção, à incúria, à pobreza (exemplos: “sociedade doente”, “regime doente”, “país doente”). Em sentido inverso, a palavra “médico” serve para credibilizar o enunciador, construindo uma imagem de herói (“Mendes médico experiente”), ou para legitimar as afirmações, servindo-se da confiança do cidadão nas entidades médicas (“Portas prescreve cura de oposição”). O termo “remédio”, cujo valor metafórico se foi dissipando, contribui para dar crédito a quem apresenta as ditas soluções, uma vez que se transfere a crença do médico prescritor do tratamento para o político (“Remédios contra o avanço da extrema-direita na Europa.”). Porém, há também casos em que a metáfora tem poder para destruir a imagem do político, pelo seu teor agressivo e ofensivo (“Ventura: “Quem ainda estiver a pensar votar no PS tem de tomar a medicação””).

Posto isto, é lícito afirmar que as metáforas têm um fim retórico, nomeadamente a construção de críticas. O seu sucesso está sempre dependente da capacidade de o leitor/ouvinte as processar/interpretar completamente; contudo, numa sociedade em que a frequência de expressões metafóricas é elevada, o grau de metaforicidade vai sendo menor e a transparência vai aumentando.

Mas se é verdade que a sociedade parece mais capacitada para descodificar metáforas, também é verdade que está cada vez mais multilingue, o que faz levantar a questão da tradutibilidade das metáforas. Nestes casos, considera-se que o objetivo retórico pode ser comprometido se a metáfora for usada com um público que não domina a língua. De facto, algumas podem perder-se aquando da tradução, não obstante a transversalidade de muitas, não só devido às especificidades próprias de cada língua, mas também do contexto cultural. Para ilustrar, retomamos um dos exemplares do *corpus*, no qual se perderia o jogo de palavras criado entre dois termos (“indisposto” e “indisponível”), com a tradução para inglês:

Passos Coelho. Indisposto a ser remédio para quem enjoa se o almirante for para Belém [*Passos Coelho. Unwilling to be a remedy for those who get seasick if the Admiral goes to Belém*].

Estas questões devem, então, ser acauteladas, sobretudo por parte dos meios de comunicação e dos políticos, de forma a garantir que não ocorre um desvirtuamento da informação e do objetivo comunicativo.

Referências

- BATÓREO, Hanna. Aquisição/ aprendizagem da competência metafórica no contexto do Português Língua Não Materna: importância da reestruturação conceptual na expressão de emoções e valores. In: BARROSO, Henrique (ed.). *O Português na Casa do Mundo, Hoje*. Braga: Humus, Babelium Centro de Línguas/ Universidade do Minho, 2018, pp. 53-79.
- CROFT, William; CRUSE, Alan D. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- DUNN, Jonhathan. Gradient semantic intuitions of metaphoric expressions. *Metaphor and Symbol*, Philadelphia, v. 26, n. 1, pp. 53-67, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1080/10926488.2011.535416>.
- GENTNER, Dedre; BOWDLE, Brian. Convention, form, and figurative language processing. *Metaphor and Symbol*, Philadelphia, vol. 16, n. 3-4, pp. 223- 247, 2001. DOI: https://doi.org/10.1207/S15327868MS1603&4_6.

Propósitos retóricos da metáfora da doença: estudo sobre títulos noticiosos da política portuguesa

GENTNER, Dedre; BOWDLE, Brian. Metaphor as structure-mapping. In: GIBBS JR., R. W. (ed.), *The Cambridge handbook of metaphor and thought*, 2008, pp. 109-128. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511816802.008>

GENTNER, Dedre; BOWDLE, Brian; WOLFF, Phillip; BORONAT, Consuelo. Metaphor is like analogy. In: GENTNER, D., HOLYOAK, K. J.; KOKINOV, B. N. (eds.). *The analogical mind: Perspectives from cognitive science*. Cambridge: MIT Press, 2001, pp. 199-253. Disponível em: <https://groups.psych.northwestern.edu/gentner/papers/GentnerA2K01.pdf> Acesso em: 02 mar. 2024.

KÖVECSES, Zoltan. *Metaphor: a Practical Introduction*. New York: Oxford University Press, 2002.

LAKOFF, George. *Metaphor and War; Again*. Berkeley: UC Berkeley, 2003. Disponível em: <https://escholarship.org/uc/item/32b962zb>.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

MÜLLER, Cornelia. *Metaphors dead and alive, sleeping and awaking: a dynamic view*. Chicago: University of Chicago Press, 2008.

MUSOLFF, Andreas. *Metaphor and Political Discourse*. Analogical Reasoning in Debates about Europe. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2004.

PITA, Sara. Metáfora e metonímia na Revolução de Abril: um estudo com discursos políticos. *POLISSEMA – Revista de Letras do ISCAP*, Porto, v. 1, n. 23, pp. 91-114, 2023. DOI: <https://doi.org/10.34630/polissema.v1i23.5324>.

SARDINHA, Tony. Metáforas de teleconferências de negócios. *Caderno Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 50, n. 2, p. 171-188, 2008. Acesso em: 02 mar. 2024. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v50i2.8637229>.

SEMINO, Elena. *Metaphor in Discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

SILVA, Augusto Soares da. *O Mundo dos Sentidos em Português*. Polissemia, Semântica e Cognição. Coimbra: Almedina, 2006.

STEEN, Gerard. Can discourse properties of metaphor affect metaphor recognition? *Journal of Pragmatics*, Netherlands, v. 36, n. 7, pp. 1295-1313, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2003.10.014>.

STEEN, Gerard. The Contemporary Theory of Metaphor: Now New and Improved. *Review of Cognitive Linguistics*, Netherlands, 9, 43, 26-64, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1075/rcl.9.1.03ste>.

STEEN, Gerard; DORST, Lettie; HERRMANN, Berenike; KAAL, Anna; KRENNMAYR, Tina; PASMA, Trijntje. *A Method for Linguistic Metaphor Identification: from MIP to MIPVU*. Amsterdam: John Benjamins, 2010.

TEIXEIRA, José. Metáforas da vida Co(t)vidiana. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 69, pp. 21-51, 2021. DOI: <https://doi.org/10.9771/ell.v0i69.44287>. Acesso em: 02 mar. 2024.

TOULMIN, Stephen; RIEKE, Richard; JANIK, Allan. *An Introduction to Reasoning*. New York: Macmillan Publishing Company, 1984.

WALTON, Douglas; MACAGNO, Fabrizio. A Classification System for Argumentation Schemes. *Argument and Computation*, United Kingdom, pp. 1-27, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1080/19462166.2015.1123772>. Acesso em: 02 mar. 2024.